

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Francisco Lepkoski Gonçalves

A COMPETIÇÃO NA CATEGORIA INFANTIL DA CANOAGEM VELOCIDADE

Porto Alegre

2017

Francisco Lepkoski Gonçalves

A COMPETIÇÃO NA CATEGORIA INFANTIL DA CANOAGEM VELOCIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do Título de
Bacharelado em Educação Física, pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre

2017

Francisco Lepkoski Gonçalves

A COMPETIÇÃO NA CATEGORIA INFANTIL DA CANOAGEM VELOCIDADE

Conceito Final:

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabiano Bossle – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti – UFRGS

Dedico este Trabalho, especialmente ao
meu pai, Bruno, minha namorada
Fernanda e a todos os amantes da
Canoagem do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aqui, a todas as pessoas que me ajudaram nesse sonho a se tornar realidade, tornando-me Professor de Educação Física, começando pelo meu maior influenciador, orientador e motivador, meu pai, Bruno Rogério Gonçalves, que por todas as dificuldades que passamos, não deixou nenhuma vez que eu desistisse de algo que eu sonhasse, o que se relaciona com o presente trabalho, o qual aborda a Canoagem Velocidade, esporte este em que sou atleta e meu pai treinador, e desse modo, qualquer assunto que envolva nosso esporte, é de total valor e importância. Quero agradecer também à minha namorada Fernanda Costa Xavier, por todo amor, carinho, compreensão e paciência, principalmente por me ajudar em várias questões difíceis durante a formalização deste trabalho, e também, ajudando-me nas questões emocionais que envolvem realizar um Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço também a todos os atletas e sócios da Associação de Canoagem Ecologia e Cultura de Eldorado do Sul pela oportunidade de conviver e frequentar no meio esportivo da Canoagem, sempre aprendendo com outros atletas, e podendo passar meu conhecimento adquirido na universidade para os atletas mais novos. Agradeço também aos entrevistados que participaram deste trabalho, ajudando-me na pesquisa e na discussão de um assunto importante o qual é a iniciação à competição com crianças, desse modo, espero que sirva de material para futuros professores que trabalharão com este assunto em diferentes esportes. Obrigado também à minha mãe, Maribel Rosani Lepkoski, que hoje em dia não habita mais este mundo material, porém acredito estar em um outro plano supervisionando meus atos e escolhas e torcendo que dê tudo certo, e, que mesmo não presente, compartilho muito amor e carinho com ela em pensamento e espírito. Agradeço também aos demais familiares, minha tia Neusa Lepkoski e minha prima Jaqueline Lepkoski, por sempre estenderem a mão em momentos difíceis, bem como a família de minha namorada, Ismael Xavier, Vasti Costa e Felipe Xavier, e não posso esquecer, de Magda Dall’Agnol, namorada de meu pai. Para as pessoas da UFRGS, agradeço ao meu orientador Carlos Abaide Balbinotti, por auxiliar-me nas dúvidas recorrentes deste trabalho, e influenciar-me com sua experiência na área de Pedagogia do Esporte. Deixo um salve aqui à todos os colegas de ESEFID - UFRGS que estiveram comigo e ainda vão estar durante o Bacharel, e também, ao pessoal da Casa do Estudante Universitário, local onde fiz grandes amizades. Dessa forma, desejo a todos uma ótima leitura.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso trata-se de um estudo de caráter qualitativo que irá abordar a competição da canoagem velocidade com as crianças da categoria infantil. Desta forma, estão sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro treinadores de categorias de base da canoagem velocidade do Rio Grande do Sul, abordando questões referentes à que tipo de competições devem ser feitas na categoria infantil, qual a idade ideal para começar a competir nesta categoria, quais tipos de treinamento deve ser realizado com essas crianças e de que forma devem-se trabalhar os valores da derrota e da vitória durante as competições. As respostas dos entrevistados foram relacionadas com estudos e publicações que abordam a pedagogia do esporte e as competições infanto-juvenis com o intuito de verificar e comparar a estrutura das provas de canoagem velocidade com a de outros esportes semelhantes, e desta forma ajudar a definir que tipos de competições seriam ideais para as crianças que estão iniciando no esporte, qual a quantidade de competições durante um período do ano e como ela é estruturada respeitando os limites motores das crianças. Foram realizadas entrevistas com quatro treinadores de diferentes idades e épocas, divergindo suas opiniões sobre a estrutura ideal de competições para a categoria Infantil da Canoagem Velocidade e concordando em algumas questões sobre a intensidade de estímulos e cobranças feitas com crianças desta idade respeitando seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e motor. Concluindo que há mudanças a serem feitas nas competições da canoagem velocidade voltadas para a categoria infantil, explorando atividades lúdicas e cooperativas, para harmonizar a relação entre vitória e derrota na formação do caráter da criança como futuro atleta.

Palavras chave: canoagem – crianças – iniciação - competição

ABSTRACT

The present Conclusion Work is a qualitative study that is direct to the competition of the purchase as children of the child category. Thus, semi-strata are being interviewed with four coaches from the basic categories of canoeing, from Rio Grande do Sul, addressing questions regarding what kind of competition should be made in the children category, which is the ideal age to start competing in this category, Os What types of training should be performed with these children and that the form must cope with the values of defeat and victory during competitions.

The responses of the interviewees were related to studies and publications that approach a pedagogy of the sport as infanto-juveniles competitions in order to verify and compare a structure of the canoeing tests. Types of competitions would be ideal for children who are starting out in the sport, how many competitions during the period and how it is structured respecting the limits of the children's motors.

We found interviews with four coaches of different ages and ages, diverging their opinions on an ideal structure of competitions for the Canoeing Child category. Speed and agreement on some questions about the intensity of stimuli and collections with children of this age respecting their social development, Affective , Cognitive and motor. Concluding that there are changes in the sales of canoeing competitions aimed at a child category, exploring playful and cooperative activities, to harmonize a relationship between victory and defeat in the formation of the character of the child as a future athlete.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 Pedagogia do Esporte	13
2.1.1 Segundo Paes e Balbino:.....	14
2.1.2 Segundo Scaglia e Freire.....	16
2.1.3 Segundo Garganta e Graça	19
3. COMPETIÇÃO INFANTO-JUVENIL	21
4. REGULAMENTO NACIONAL DA COMPETIÇÃO INFANTIL (CAMPEONATO BRASILEIRO DE CANOAGEM VELOCIDADE)	28
5. METODOLOGIA	30
5.1 Caracterizações do estudo.....	30
5.2 Entrevistados.....	31
5.3 A entrevista.....	32
5.4 Procedimentos Da Entrevista	32
5.5 Análises Dos Conteúdos Das Entrevistas	33
6. DISCUSSÃO E RESULTADOS	33
6.1 Idade Ideal Para Ingressar Na Categoria Infantil.....	34
6.2 As Distâncias Ideais Na Competição Infantil Da Canoagem Velocidade	37
7. CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	52
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	54
APÊNDICE C– DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE	56

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso compõe um estudo de caráter qualitativo, que se propõe a abordar aspectos da competição da canoagem velocidade em relação aos sujeitos da categoria infantil. Desta forma, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com treinadores das categorias de base da canoagem velocidade do Rio Grande do Sul. Assim, nestas entrevistas, buscou-se refletir a respeito do tipo de competição a ser realizada na categoria infantil, bem como pensar a idade ideal para que uma criança se inicie na competição, assim como o tipo de treinamento a ser posto em prática e, finalmente, de que forma é possível que se trabalhe valores como a derrota e a vitória durante as competições.

As respostas obtidas nas entrevistas foram analisadas e relacionadas com estudos, assim como outros tipos de publicações, que desenvolvem assuntos como a competitividade e o nível estrutural das competições infanto-juvenis. Tal análise teve o intuito de verificar e comparar a estrutura das provas de canoagem velocidade com a estrutura de outros esportes semelhantes para que, desta forma, seja possível a definição de questões como: quais são os tipos de competições ideais para as crianças iniciantes no esporte; qual a quantidade ideal de competições durante um período do ano e como elas devem ser elaboradas, de maneira que se respeitem os limites motores das crianças.

Os esportes náuticos servem como importantes ferramentas de ensino-aprendizagem para crianças e jovens que estão ingressando em práticas esportivas, dentre eles, a Canoagem Velocidade vem se destacando no cenário esportivo brasileiro, ainda que com pouco tempo de existência se comparada a outros esportes como atletismo, vela, remo, ginástica, etc. Através de clubes e, principalmente, de associações com parcerias e projetos sociais, este esporte capta um contingente grande de crianças e adolescentes em escolas e comunidades, sendo a prática da canoagem, muitas vezes, a aula de educação física no contra turno escolar. Devido a esse sistema de captação de jovens esportistas, atletas oriundos de projetos sociais tornaram-se grandes competidores e obtiveram importantes resultados em competições internacionais nos últimos anos e, hoje em dia, compõem a seleção brasileira de canoagem velocidade. Neste âmbito, é de

fundamental importância o papel do professor de educação física, este, acompanha a maturação motora e psicológica do aluno durante sua trajetória esportiva, segundo Sadi (2016): “a totalidade do processo de iniciação esportiva, como ferramenta pedagógica, acentua a formação do caráter, envolvimento em relações sociais de amizade e proximidade, assim como interfere em questões psicológicas e afetivas”.

Neste sentido, a canoagem velocidade, ao passo que pode ser praticada individualmente, quando em caiaques ou canoas de uma pessoa, também compreende o coletivo, quando praticada em embarcações de duas ou quatro pessoas. Desta forma, esta prática esportiva torna possível o trabalho das habilidades individuais dos alunos, como equilíbrio, concentração, noções de espaço-tempo, e, finalmente, valores coletivos, dentre eles, a amizade, o trabalho em equipe e a disciplina.

O professor, como treinador, deve trabalhar as diversas habilidades motoras de seus alunos, incentivando-os a praticar outras modalidades esportivas, a fim de explorar variadas possibilidades de movimentos e jogos coordenativos, deste modo, aumenta-se o acervo motor (REVERDITO; SCAGLIA, 2009), facilitando o desenvolvimento físico para diversos tipos de esportes. É importante frisar que isto se torna um processo gradual na formação esportiva do jovem praticante da canoagem, já que estará em um meio líquido, no qual é aconselhável que se aprenda a nadar, bem como se locomover no meio líquido, para sua segurança e autoconfiança.

Nestes casos, o professor deverá assumir a responsabilidade de controlar as intensidades dos exercícios e estímulos aplicados aos alunos, de forma que não se esgote ou desmotive a criança. Para que isto não ocorra, faz-se necessário realizar um trabalho gradual, partindo do mais fácil para o mais difícil, ou seja, aplicando-se, inicialmente, exercícios simples para que, depois, exercícios mais complexos sejam trabalhados. Entretanto, para que isto seja possível, o professor deverá possuir conhecimento pedagógico que embase esse processo, caso ao contrário, a criança, no lugar de sujeito, passa a ser objeto de aprendizagem, percebida apenas como um corpo que reproduz movimentos (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Tratando dos anos iniciais da canoagem velocidade, especificamente na

categoria infantil, que compreende até os 12 anos de idade, o processo de ensino não pode ser unicamente focado na técnica, como ocorre quando se foca apenas na incorporação de habilidades de condução das embarcações, assim como manuseamento do remo. Embora sejam estes aspectos essenciais para o acervo motor, o ensino do esporte deve ir além, direcionando formativamente a criança a partir de um dos meios mais representativos dentro do esporte: as competições, presentes em todas as culturas e nas mais diversas sociedades. Na Canoagem Velocidade, as competições ocorrem em linha reta, de preferência em águas sem grande movimento, como em rios, lagos ou represas e, normalmente, as provas ocorrem em raias divididas, similares às provas de natação. Vence quem chegar em menos tempo no final da distância, que pode ser 200m, 500m, 1000m e 5000m em circuito, eventualmente.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é verificar como são estruturadas as competições para as crianças da categoria infantil da canoagem velocidade e, de que forma, em suas respectivas associações, as crianças desta categoria são preparadas para os campeonatos regionais e nacionais. Nesta faixa etária, as crianças ainda estão com seus níveis de habilidades motoras em desenvolvimento e seu interesse pela prática esportiva recém começando, sendo esses os principais motivos a realização deste estudo.

A presente análise trata de duas questões importantes, a primeira é o processo de aprendizado da criança com a vitória e a derrota, quais valores são passados a elas diante desses acontecimentos e o quanto isto influencia na formação de caráter da criança como futuro esportista. A segunda questão é o número de participações em competições, pois, no caso da canoagem velocidade, o número de competições é bem menor comparado com o de outros esportes, o que irá problematizar duas visões literárias diferentes, uma em que alguns autores defendem que a criança até os 10 anos não deve participar de competições, pois poderá gerar traumas com a derrota, e outros autores que defendem totalmente a participação competitiva das crianças, pois, desta forma, irão vivenciar a vitória e a derrota, gerando mais motivação para competir. Assim, o estudo irá analisar a estrutura das competições da canoagem velocidade na categoria infantil, verificando se estão de acordo com a formação motora e psicológica da criança, não sendo uma

mera reprodução do modelo competitivo adulto.

A relevância deste estudo se baseia na ênfase ao valor do processo pedagógico da prática esportiva, enfatizando a relação treinador-aluno durante os treinos que objetivam as competições principais, assim como a reflexão acerca de até que ponto os treinos para as competições podem tornar-se excessivos e desgastantes para as crianças. Vale destacar a escassez de publicações e trabalhos referentes à pedagogia do esporte na canoagem velocidade, principalmente nas categorias iniciais, que são bases para as categorias acima. Desta forma, este estudo poderá contribuir para futuras pesquisas na área esportiva da canoagem, ajudando a popularizar o esporte no âmbito científico e acadêmico e servindo de ferramenta pedagógica para diversos treinadores e professores desta, e de diversas modalidades esportivas.

As principais competições para as associações de canoagem brasileiras são os campeonatos estaduais, no Rio Grande do Sul organizado e regulamentado pela Federação Gaúcha de Canoagem (FGC) e o Campeonato Brasileiro de Canoagem Velocidade organizado e regulamentado pela Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa). No campeonato brasileiro - principal competição, que ocorre uma vez ao ano - os atletas ficam concentrados quatro dias seguidos durante o evento, pois, a cada dia, compete-se uma distância diferente.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para que se possa compreender a relação entre aluno e professor, assim como essa relação deve ser construída, se fará uma revisão a partir do posicionamento de diversos autores, estes, grandes estudiosos da pedagogia do esporte, com o objetivo de melhor instruir os profissionais da área esportiva. Primeiramente, conceitos de Pedagogia do esporte serão analisados, seguidos das competições infanto-juvenis e, enfim, a competição na Canoagem Velocidade comparada com outros esportes similares.

2.1 Pedagogia do Esporte

Neste capítulo, diferentes métodos de pedagogia do esporte serão abordados, referenciando alguns estudiosos desta área. Permitindo realizar reflexões sobre a forma de sistematizar o ensino da prática esportiva dentro do espaço ou ambiente em que o indivíduo praticante está inserido. Desta forma, esta revisão inicial irá facilitar o entendimento dos princípios pedagógicos do esporte, para que, mais adiante, se possa entender como estes mesmos relacionam-se com a iniciação à competição infantil.

Toda prática esportiva tem início com um modelo de ensino, que será considerado harmônico quando o professor, durante suas aulas, respeitar as fases de desenvolvimento de seu aluno. Principalmente, quando se trata de crianças e jovens, este professor, se melhor embasado em referenciais pedagógicos, terá mais facilidade de relacionar a prática com o cotidiano em relação aos seus alunos. Libâneo (2001) afirma que pedagogia é, então, “o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana.”

Em Garcia (2002), vemos que o “fenômeno esporte” se desenvolveu de tal forma que ultrapassou sua própria fronteira imaginária, influenciando e sendo influenciado por milhões de pessoas em todo o mundo, direta (profissionais do esporte, atletas, dirigentes etc.) e indiretamente (espectadores, praticantes em

momentos livres, crianças, adolescentes etc.). Quando este fenômeno é observado na infância, a criança no lugar do sujeito passa a ser objeto da aprendizagem, percebida apenas como um corpo que reproduz movimentos. Nesse ponto, a prática esportiva é conduzida tendo como foco um corpo que tem o dever de render, e não um indivíduo como o direito de aprender (KORSAKAS E ROSE JR., 2002).

Para Scaglia (2009): “somente o esporte não contribui para o propósito educacional, tão somente como esporte, mas os significados que atribuímos a ele.” O mesmo autor faz as seguintes questões: que praticantes se formarão por meio da prática esportiva? Para que tipos de sociedade se formarão? Quem são os agentes transformadores? Que princípios pedagógicos e didático-metodológicos são usados em seu processo de ensino? Desta forma, devemos contextualizar a prática esportiva para diferenciar a sua abordagem como prática pedagógica.

Scaglia (2009) afirma que, quando reconhecemos o esporte como fenômeno de ordem sociocultural, está se dizendo que ele é uma resultante de relações, interações e manifestações intrínsecas (desejo, fantasia, simbolismo, etc.) do ser humano – atividades humanas estabelecidas e transformadas ao longo de sua existência.

2.1.1 Segundo Paes e Balbino:

O método pedagógico destes autores se baseiam na prática consciente, crítica e reflexiva, ao invés de apenas transcender a simples repetições de movimentos na iniciação esportiva. Segundo eles o ensino do esporte deve estar estruturado com fundamentos que irão abranger a inclusão, a autonomia, cooperação, inteligências múltiplas, princípios filosóficos e aprendizagem social.

Paes (2001;2002) afirma que é preciso “pensar o esporte” com múltiplas possibilidades, atendendo tanto as pessoas que praticam como ocupação de tempo livre, quanto por questões de saúde; enfim, é preciso trabalharmos com a iniciação esportiva que permita aos cidadãos uma prática consciente, reflexiva e crítica considerando os diferentes níveis de ensino. Uma proposta pedagógica para o ensino dos esportes deverá transcender os aspectos metodológicos e o

conhecimento técnico-tático, sem necessariamente diminuir a importância desse conhecimento, mas estabelecendo uma forma equilibrada e harmoniosa entre os saberes metodológicos e técnico-táticos, os valores e modos de comportamentos, considerando sua função educacional, uma ação educativa para os indivíduos participantes e inseridos no processo (Paes, 2002). Nesse caminho, Paes (2002) organiza sua estrutura-base respondendo a dois referenciais: “o que ensinar e como ensinar.” No entanto, Paes (2001; 2002) considera como completar a essa estrutura um referencial socioeducativo, ou seja, um referencial que permitiria responder de que forma o ser humano poderia se beneficiar nesse processo educativo.

O esporte é considerado um meio válido para adquirir valores como cidadania, perseverança, superação, cooperação, conhecimento dos próprios limites, autoestima, criatividade, respeito aos demais, tolerância, responsabilidade, controle emocional, autodisciplina, justiça, trabalho em equipe, integridade (Balbino, 2005). Para Balbino (2001; 2002), todos os indivíduos são possuidores das diversas inteligências, as quais são passíveis de transformação, quando estimuladas devidamente. Dependendo do ambiente para o seu desenvolvimento, uma capacidade poderá se desenvolver mais que a outra.

Balbino (2001) acredita na sistematização de conteúdos para um processo de treinamento a longo prazo, tendo como princípio base as características de desenvolvimento e a maturação do indivíduo em cada fase e suas individualidades, assim o faz a partir das capacidades sensíveis, que poderão ser suscetíveis ao treinamento em determinada fase. Sua organização se apresenta da seguinte forma:

- Capacidades sensoriais, cognitivas e psíquicas: apresentam-se de maneira favorável ao treinamento entre 9 e 13 anos;
- Capacidades de aprendizagem e coordenação: entre 7 e 12 anos apresenta maior capacidade de assimilação (aprendizado), e entre 9-10 e 13 anos está favorável ao aprendizado motor e da técnica.
- Capacidade de resistência: está sensível ao treinamento somente na ou a partir da puberdade.
- Capacidade de força: 11-13 a 15-17 anos está sensível ao desenvolvimento da capacidade de forma explosiva e resistência de força,

e dos 15-17 e 17-19 anos está sensível ao treinamento da capacidade de força máxima.

- Capacidade de velocidade: 7 a 12 anos estão sensível para treinamento com velocidades de reação e cíclica, e entre 9 a 13 anos, para força explosiva e aceleração para as meninas e entre 10-11 a 15 anos para os meninos;
- Capacidade de flexibilidade: encontra-se sensível para meninas entre 8 e 11-12 anos e para meninos entre 8-9 a 12 anos.

O ambiente torna-se responsável pelo estímulo, bem como pelo desenvolvimento deste potencial bio-psicológico, através das intervenções do agente pedagógico, dos desafios propostos em dinâmicas, exercícios, jogos e competições (Balbino, 2001, p.100). Transcendendo a ação pedagógica pode-se atingir níveis externos que estão acima do ambiente físico de treinamentos e jogos. (Balbino, 2005, p.175).

2.1.2 Segundo Scaglia e Freire

Estes autores enfatizam o desenvolvimento da autonomia do aluno, sendo orientado por uma pedagogia que estimule suas motivações intrínsecas, comprometendo-o a compreender sua transformação, estimulando sua criticidade, integrando-o à sua cultura corporal e social. Desta forma, Scaglia (1999, 2003) sustenta a necessidade de um olhar fecundo para o homem que joga: suas motivações, suas necessidades, aspectos sociais e culturais de uma pedagogia inovadora, comprometida com o indivíduo no processo, com sua humanidade e motivações intrínsecas, bem como com o ensinar e com a formação de cidadãos.

Nessa perspectiva, para Scaglia (1990, 2003) e Scaglia e Souza (2004), o esporte não se esgota em si mesmo, mas se apresenta contextualizado, construído ao longo da historicidade do homem, integrado à sua cultura corporal e social, concretizando sua manifestação de jogo. Na mesma linha de raciocínio, Freire (1996) diz: “quem forma se forma e reforma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser reformado”. Explica-se, então, que inexistente validade no ensino que não

resulta um aprendizado, sem que o aprendiz não se torne capaz de recriar ou de fazer o ensinado, em que o ensinado, que não foi aprendido, não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 1996).

Conforme os autores, podemos refletir com base em algumas perguntas:

O que ensinar?

De acordo com Scaglia (2009), "o compromisso de formar, não poderá deixar de estar imerso aos valores sociais, éticos e morais". Scaglia (1999) entende que o esporte para a criança e o jovem deverá ser compreendido como um meio para levá-los a ser melhor, um ambiente facilitador na construção de valores, os quais o conduzirão por toda sua vida. Segundo Scaglia e Souza (2004), a pedagogia do esporte deve ser capaz de proporcionar ao aluno obstáculos, novos desafios e exigências, em que possa ser instigado a prender esportes de forma crítica e autônoma e ser capaz de transformá-los.

Para Scaglia (1999), o ensino no esporte é um ato de responsabilidade, não se limitando apenas na transmissão do conhecimento puramente técnico, tampouco o aprendizado em meio a um ato de passividade do aluno, mas considerando um indivíduo inserido integralmente um ambiente sociocultural, no qual ele (o aluno) é parte integrante, interagindo, influenciando e sendo influenciado, e, nesse aspecto, indivíduos críticos e autônomos, capazes de compreender e transformar de forma consciente sua prática sua prática esportiva.

Como ensinar?

Uma boa metodologia, respaldada por uma inovadora pedagogia, não é aquela que demonstra um gesto para ser imitado, automatizado, mas é aquela que permite ao educando vivenciar um processo de ensino aprendizagem, em que, por meio da possibilidade de exploração, a criança constrói não um gesto motor apenas, mas uma conduta motora, advindo de sua competência interpretativa. (SCAGLIA; SOUZA, 2004, pg.10).

Para Scaglia (2009, pg. 65), os jogos e brincadeiras como meio viável para o ensino-aprendizagem pela compreensão entendidos como uma unidade complexa, ou seja, partes que detêm a essência do todo, permitindo a transferência dinâmica

organizacional à unidade complexa do jogo formal. “O professor, que tem por função desequilibrar o aprendiz, ou seja, propor dificuldades constantes e graduais que, instigando-o a ir além, superar novos desafios, leva-o a esta descoberta” (Scaglia, 1999b, p.60).

Para quem ensinar?

Para Scaglia (1999, 2003) e Scaglia e Souza (2004), o ensinar está diretamente relacionado com o formar e, para o autor, as mesmas responsabilidades e obrigações de um professor que se propõe a ensinar matemática deverão existir para o professor que se propõe a ensinar esportes, pois em nada diferencia ou diminui as responsabilidades em ensinar matemática ou esporte; ambos têm o compromisso com o ensinar, com o formar. Na mesma citação, o princípio balizador de sua proposta é a responsabilidade com o formar (ensinar), caminhando na perspectiva de ensinar bem esporte a todos e em iguais condições, “que tenha por principal princípio pedagógico a inclusão de todos” (Scaglia, 2003, pg.134).

Para Freire (1997;2002), uma pedagogia do esporte deverá ser pensada sob uma nova ótica, deflagrando críticas diretas aos modelos apresentados de maneira reducionista, em que o indivíduo torna-se apenas objeto resultante do processo; abordagens embasadas somente sobre o marco ideológico da seletividade empírica, tendo seu principal fim – resultado – culminando em uma prática esportivizada precocemente, transformando crianças em miniaturas de adultos, na qual somente os mais fortes são capazes de praticar, e ainda, apenas como meros reprodutores acríticos. Isso levou Freire (2002) a questionar se essa é realmente a única forma de se praticar esportes.

Freire (1997; 2003), ao pensar no ensino do esporte – proposto em pedagogia do esporte, compromete-se com uma compreensão integrada, considerando a atividade interna dos indivíduos – suas representações simbólicas, motivações – e suas relações estabelecidas pelos indivíduos simultaneamente em seu meio, por meio de uma ação planejada, a qual permita a transformação de ambos. Segundo Freire (1997; 2003), a finalidade objetivada no processo deverá ser considerada a partir das motivações do indivíduo envolto em um ambiente sociocultural, diretamente integrado ao processo e segundo suas individualidades. O

ambiente do jogo ou esporte é, sem dúvida, favorável e formação moral, ética, social etc. Mas para que possa ter essa finalidade, o indivíduo deverá estar integrado a esta ação, ou fazer caminhar de encontro ao compreender, assim como o compreender permita ao aluno um novo fazer.

2.1.3 Segundo Garganta e Graça

Estes autores apresentam a pedagogia com algumas relações, porém, mostraremos a visão de cada autor separadamente. Garganta (1995) planeou em seu trabalho o desenvolvimento da Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos, utilizando-a como instrumento para promover um ambiente formativamente maior, orientando e desenvolvendo as capacidades e aptidões em situações diversas. Seguindo essa ferramenta de ensino, o autor estabelece duas funções fundamentais, sendo elas a cooperação e a inteligência.

A cooperação nada mais é que a comunicação formada na relação de integrantes de uma mesma equipe e, a contra comunicação, constituída entre os jogadores de equipes opostas, incentivando assim, uma relação saudável entre cooperação e oposição, Já a inteligência, é compreendida como a habilidade de o indivíduo se adequar às situações ocasionais, inesperadas e diversificadas, dando respostas adequadas às diferentes situações (GARGANTA, 1995). Assim elas tornam-se referências para a cultura do esporte, articulam-se com os aspectos essenciais dos jogos, através da apreciação da natureza das habilidades e sendo ajustadas pelos constrangimentos surgidos por fatores externos. Enfatizando as especificidades de equipe, o autor trabalha sua práxis pedagógica, percebida como um microssistema social complexo e ativo, proferindo os aspectos essenciais do jogo. Por isso, é importante entendermos como se articula esse processo de ensino, tendo em vista a evolução da equipe como um todo, a partir de ocasiões que almejam adaptar os participantes às mais diversas situações de competição.

Em relação aos objetivos deste trabalho, os jogos coletivos relacionam-se perfeitamente com os aspectos condicionantes, as unidades funcionais, orientados para compreensão do jogo/competição (razões do fazer) e interligado à sua

especificidade técnica (modo de fazer), facilitando a transferência prática, compreendendo os princípios comuns entre a competição e o jogo. Para Garganta (1995; 2002), os JDCs precisam privilegiar o ensino-aprendizagem-treinamento com base em sua característica estrutural e funcional, centrando o processo na equipe (unidade complexa). Garganta (2002) apresenta dois referenciais importantes, um que o aluno nunca vem em “branco” e o outro de que a especificação técnica deve ocorrer de acordo com as habilidades onde já há domínio por parte dos participantes. Assim, o aumento da aprendizagem ocorre de forma delongada e sistematizada, utilizando as noções dos alunos a favor do aferimento do ensino.

No transcorrer da metodologia de ensino dos JDCs, compreendendo que devem ser a partir de situações excepcionais que demandem habilidades abertas (imprevisíveis), há duas descrições a serem feitas (GRAÇA; MESQUITA, 2002): compreender o processo de ensino aprendizagem em sua ordem problemática (o que, quando, como e por que) e; que as habilidades para o jogo se estabelecem sobre um conceito multidimensional. Esse conceito é colocado em três dimensões (GRAÇA, 1995):

- Eficiência: realização correta da habilidade;
- Eficácia: exigência do rendimento em função da execução da habilidade;
- Adaptação: ajustar soluções e respostas ao contexto do jogo.

Essa ação multidimensional na pedagogia alimenta uma prática transferível das similaridades comuns das competições e dos jogos, sendo sistemática, para a abrangência, operacionalização e aproveitamento do conjunto de fenômenos complexos dos jogos. Porém, não é preciso de um sequenciamento metódico das atividades, pois “qualquer tipo de situação é, por si só, inesgotável, o que quer dizer que a passagem de um tipo para outro, não implica no abandono do anterior” (GRAÇA; MESQUITA, 2002).

No entanto, para que se tenha um processo de ensino aprendizagem, Graça (1995) apresenta três referenciais: progressão (grau de complexidade das tarefas), refinamento (qualidade, execução motora e estratégica) e aplicação (exposição dos alunos às situações de jogo). Seguindo estes referenciais, de modo adequado, possibilitam-se aos principiantes inúmeras configurações de evolução dentro da realidade do jogo, agindo de forma ativa em seu processo de ensino-aprendizagem.

O professor é personagem com maior influência neste processo, responsável por trabalhar as situações favoráveis para que o mesmo aconteça e mais, regula as condições de aprendizagem e tem a missão de levar o aluno a questionamentos, não respostas prontas. O professor tem o dever de conhecer a importância da realização do jogo e delimitar claramente os objetivos da aprendizagem (GRAÇA, 1995). Com os objetivos entendidos, ele consegue escolher melhor qual será a metodologia a ser trabalhada a cada momento, dependendo não só dos aspectos já citados, como também do ambiente externo.

3. COMPETIÇÃO INFANTO-JUVENIL

Neste segundo capítulo do trabalho, foi elaborada uma revisão de literatura para que se direcione de maneira mais próxima ao objeto de estudo, o qual é a competição infantil na canoagem velocidade. Foram citados autores e estudiosos na área da pedagogia do esporte e também autores que realizam estudos mais voltados para o desenvolvimento motor e desempenho fisiológico de crianças em diversos esportes. Isso fará com que tenhamos uma noção maior sobre a dimensão de fatores intrínsecos e extrínsecos que envolvem as competições infantis na canoagem velocidade e, também, em outros esportes na mesma faixa etária.

Quando falamos sobre competições infantis, devemos levar em conta todas as expectativas que a criança, como competidora, deposita em si mesma desde as sessões de treino, até o dia que ela for competir. É de total responsabilidade de seu professor saber direcionar e orientar a criança sobre os objetivos da competição e sobre quais valores estão inseridos nela para que seja prazeroso e saudável para a criança que participa. Desta forma, a competição deve estar estruturada de acordo com as limitações das crianças e com suas faixas etárias, respeitando suas fases de desenvolvimento, para que não haja uma sobrecarga física, emocional e psicológica.

A palavra competição pode remeter, muitas vezes, à palavra rendimento, pois, segundo Bracht (2001), os meios empregados no treinamento, assim como o próprio treinamento, tudo é medido pelo resultado final. Desta forma o professor responsável pelo seu aluno, deve tomar todo o cuidado durante o processo de

treinamento, enfatizando o objetivo das atividades durante o processo de aprendizado. Segundo Gaya e Torres (2004) o fenômeno de vitória e derrota e seus efeitos são notados durante as sessões de treino, que perde sentido se não houver um esforço envolvido na superação do adversário. E assim sendo na vitória ou na derrota, será somente na prática, a melhor forma de se aprender a conviver com ambas as faces da disputa.

Conforme Marques e Oliveira (2001), o esporte de rendimento para crianças e jovens é preciso, pois as configurações e os contornos da atividade de treino e de competição continuam a justificar reflexões profundas, uma intensa atividade de investigação. Na mesma linha de pensamento, em Gaya e Torres (2004), o esporte de rendimento para crianças e jovens constitui-se num amplo espaço de formação e educação, embora seletiva sob o ponto de vista do talento esportivo, não se pode negar sua potencialidade em propiciar oportunidades diversas para o desenvolvimento social e moral de seus praticantes.

Ao se procurar na literatura, é possível encontrar alguns autores que terão aversão do esporte como um modelo de educação para as crianças, e o motivo seria a competição, pois carrega consigo algumas características agônicas, fazendo com que a criança ou o jovem crie valores exacerbados de concorrência e individualidade contrapondo-se aos valores de igualdade e cooperação ao próximo. Porém, Marques (2004) afirma que a competição permite a criança a avaliar suas próprias capacidades, comparando-as com a dos outros e consigo própria, adquirindo valores para sua vida futura em sociedade.

Este aspecto propõe a reflexão sobre os modelos de competições aplicados nas categorias infantis, bem como elas são estruturadas, muitas vezes reproduzindo o modelo das categorias adultas. Marques (2004) afirma que continuar a persistir na utilização de um sistema de competições dos mais jovens à imagem de modelos mais evoluídos da prática desportiva é não perceber o que é a criança. É não perceber o quadro de aprendizagem que lhe podemos proporcionar, nem o seu apetrechamento biológico, motor, cognitivos, psíquicos e sociais lhe permitem responder de forma adequada a tão grandes e complexas exigências.

Nesse sentido, faz-se importante compreender que a competição que reproduz o modelo adulto, o qual há uma grande exigência técnica, física e

psicológica do atleta, acaba não sendo condizente com as características e particularidades das crianças. Com o objetivo adaptar o esporte com base no desenvolvimento dos mais jovens, Lee e Smith (1993) criaram seis princípios fundamentais: 1) A ênfase deve ser posta sobre o divertimento, a participação, o sucesso e o desenvolvimento da autoestima; 2) o desporto deve ser entendido como um instrumento de desenvolvimento da cooperação e do trabalho em equipe; 3) A avaliação deve ser centrada na aquisição e desenvolvimento dos fundamentos técnicos do desporto; 4) as crianças desenvolvem-se de forma diferenciada; 5) o desporto deve ser modificado, tendo em conta as limitações fisiológicas e psicomotoras das crianças; e 6) os objetivos das competições devem diferir dos adultos, não estando tão voltada para o resultado.

Um exemplo de atividades competitivas estruturadas em cima das características de crianças são os jogos e competições reduzidas. Algumas autoridades alemãs (Thüringer Landesverwaltungsamt, 1994) recomendam alguns modelos de competições reduzidas, como por exemplo, no atletismo e na natação onde as distâncias são reduzidas e são realizadas também, estafetas em equipes, para que não haja apenas atividades individuais. Desta forma, a prática esportiva torna-se diversificada, cooperativa e divertida para a criança que pratica. Segundo Graça (2004) a redefinição do modelo educacional esportivo implica em uma mudança positiva dos papéis de professor e dos alunos, pois estes irão desempenhar um conjunto de papéis ligados com o contexto da prática desportiva, terão a oportunidade de serem jogadores, capitães, árbitros, observadores, treinadores, etc.

Assim sendo, quando esses jogos/competições reduzidas são incorporadas nas crianças, os valores cooperativos e de diversão que os envolvem, são transferidos de forma global. Mostra-se que a competição e esporte tem uma ligação muito forte, segundo Marques e Oliveira (2002) sem a competição não há desporto. Todavia a competição exerce vários efeitos na formação dos jovens, e certos fatores o treinador deve controlar, desenvolvendo estratégias de atuação que enfatizem o sentido de participar e não a obrigatoriedade de vencer (Lee, 1999; Marques; Oliveira 2002).

Dessa forma, há necessidade de uma redefinição dos princípios das

competições voltadas às crianças e jovens iniciantes em uma modalidade esportiva. A justificativa disto se deve porque competição assume-se antes de mais, como uma ferramenta social e cultural, o que pressupõe que é no uso que se faz dela que é determinada, principalmente a qualidade no processo de educação e formação dos jovens desportistas (Bento, 1997). Sendo assim, e pensando no conjunto de competições (Marques; Oliveira, 2002) propõe que os desafios da mesma devem assumir diferentes figurinos de acordo com a idade e a experiência das crianças.

Nesse sentido, há uma reconfiguração e reestruturação do conceito de competições para os jovens, voltada para a educação e socialização através do esporte. Tendo este ponto em evidência, o professor pode ampliar esse leque de conscientização e possibilidades que o esporte promove na vida do jovem. Segundo Laermans (1994) essa conscientização atual de possibilidades ajuda no desenvolvimento pessoal e de conhecimento de múltiplas possibilidades de interpretação da ação individual, sendo uma característica relevante das sociedades contemporânea. Na linha desta orientação, podemos perceber o esporte competitivo como um estilo de vida ativo entre os jovens.

Por isso, há a necessidade de inserir o quanto antes as crianças e os adolescentes nas práticas esportivas, como um pré-requisito de obterem saúde e uma melhor qualidade de vida. Porém, para que isso seja feito de maneira saudável, é preciso que o professor respeite as fases de crescimento das crianças. Segundo Barbanti e Tricoli (2004), é na idade escolar (até os 10 anos) que as condições são extremamente favoráveis para a aquisição de habilidades motoras e para a ampliação do repertório motor. Dessa forma é preciso estar consciente que depois dessa fase o desenvolvimento de meninas é diferente da dos meninos, devido aos estágios de maturação biológica, correspondentes á puberdade.

Crianças entre 10 e 11 anos de idade estão em uma fase propícia de aprendizagem motora, assim os treinos para elas, poderiam começar nesta fase com a ênfase colocada no desenvolvimento da coordenação, da velocidade e da flexibilidade. Porém não devemos deixar de lado as atividades lúdicas através de brincadeiras que elas mesmas organizam-se e reproduzem, gerando um vínculo entre essas brincadeiras e o treino esportivo, seja qual for a modalidade praticada. Segundo Bento (1989) essa vinculação cria antecedentes mais amplos e globais, o

que não acontece quando se emprega um treinamento dirigido apenas para uma especialização, limitando as condições de desenvolvimento no futuro.

Assim, criamos uma relação forte, até então, entre esporte, competição e treinamento e vamos tentar trazer para este trabalho, através de nosso objeto de estudo, uma melhor reflexão desses três fenômenos, compreendendo que a canoagem velocidade é um esporte de especialização tardia, pois necessita de amplo preparo de resistência de força, o qual não irá se apresentar de imediato em atletas jovens. Justificando essa afirmação, De Rose Jr. (2004) orienta que deve haver certo consenso e que a prática esportiva deve fazer parte da vida de uma criança, acompanhando seu desenvolvimento pelas diferentes etapas de sua evolução como ser humano, e, possivelmente, como atleta.

Em consequência da preparação esportiva, há a competição, que irá exigir alguns componentes fundamentais para melhor adaptar-se a mesma. Segundo Malina (1988), somente havendo equilíbrio entre os aspectos motores, perceptivos, sociais, psicológicos, emocionais e intelectuais, haverá o que ela denominou de "prontidão competitiva". Ou seja, quando a criança tiver essas capacidades individuais em equilíbrio, estará pronta para competir. Porém, um dos grandes problemas é exigir esse equilíbrio em curto prazo, segundo De Rose (2004), os professores e técnicos envolvidos com o esporte infantil utilizam o conhecimento adquirido a partir de moldes adultos de treinamento para os jovens atletas, não considerando a necessidade e a realidade dos sujeitos, em função do seu nível de desenvolvimento.

A cobrança, exigindo alto desempenho da criança, conseqüentemente, irá gerar implicações psicológicas em decorrência do treinamento e da competição. O excesso de treinamento e/ou competição geram *stress* para as crianças, que segundo alguns autores, podem chegar a produzir diferentes reações como transtornos psicossomáticos, problemas dermatológicos, transtornos gastrointestinais, alterações de apetite, insônia, desvios de comportamento, aumento da ansiedade e da agressividade, esgotamento físico e psicológico (*burnout*), distúrbios cognitivos e síndrome de saturação esportiva (De Rose Jr., 1999; Lima, 2000; Sobral, 1994; Soares, 1988; Trepode, 2001).

Dessa forma, é de fundamental papel do treinador/professor saber educar

através do treino e competição para que não haja a desistência da criança do esporte, daí, encontra-se outro fenômeno a ser trabalhado: a motivação. Em jovens nadadores, Brodtkin e Weiss (1990); Gould, Feltz e Weiss (1985) e Mc Pherson (1988) encontraram como motivos para a prática esportiva, além dos motivos relacionados à competência esportiva, aspectos relacionados à socialização, tais como: fazer novos amigos e estar com amigos. Ou seja, fazer parte de um grupo e de uma equipe.

Lógico que não se pode deixar de lado a *performance* individual, bem como a sua evolução durante os treinos, como agente motivacional para as crianças. Assim, cabe ao treinador/professor trabalhar os mecanismos de força e resistência das crianças, sem que haja a saturação dos mesmos. Segundo a American Association of Pediatrics (2001), “em pré-adolescentes o treinamento de força pode incrementar a força, sem a concomitante hipertrofia muscular. Tais ganhos de força podem ser atribuídos à “aprendizagem” neuromuscular, através da qual o treino provoca um aumento do número de neurônios motores que são ativados em cada contração muscular.”.

Além da força muscular da criança, deve-se levar em conta, também, o desenvolvimento de sua resistência, que se desenvolve a longo prazo, dessa forma Rolim e Colaço (2001) afirmam que em idades mais jovens, deve-se, sobretudo, privilegiar a importância do treino, principalmente a formação técnica em detrimento da componente condicional do rendimento e promover um desenvolvimento multilateral das capacidades motoras, evitando a especialização precoce com consequências mais imprevisíveis. Um exemplo, dado pelos autores, é quando a capacidade condicional que dá suporte direto ao rendimento numa determinada modalidade é de maturação mais tardia, como é o caso da força (na halterofilia, no culturismo, nos lançamentos do atletismo, etc.) e da resistência (nas provas de ciclismo, canoagem, no remo e em algumas na natação). Portanto, a criança e o jovem crescem e desenvolvem-se equilibradamente através e pelo movimento, sendo particularmente requerida sua presença durante a infância e adolescência (Delmas, 1982; Malina, 1983), dessa forma, só no fazer da prática e do exercício, a criança desenvolve o seu potencial aeróbico.

Bompa (2000) criou uma tabela dividindo alguns esportes por idades de início

da prática esportiva, início da especialização e idades para alcançar elevadas performances. Conforme a tabela abaixo:

Desportos	Idades de início da prática desportiva	Idades do início da especialização	Idades para alcançar elevadas performances
1. Atletismo			
1.1 Velocidade	10-12	14-16	22-26
1.2 Meio-fundo	13-14	16-17	22-26
1.3 Fundo	14-16	17-19	25-28
1.4 Saltos	12-14	16-18	22-25
1.5 Lançamentos	14-15	17-19	23-27
2. Canoagem	12-14	15-17	22-26
3. Ciclismo	12-15	16-18	22-28
4. Esqui nórdico	12-14	17-19	23-28
5. Futebol	10-12	14-16	22-26
6. Remo	11-14	16-18	22-25
7. Rugby	13-14	16-17	22-26

Pode-se perceber que a canoagem é recomendada para iniciar-se nos treinamentos com distâncias a partir dos 12 anos de idade, sendo a especialização somente depois dos 15 anos, devido a uma questão maturacional, pois são nessas idades onde há maior aumento de força e resistência a partir dos treinamentos. Com essas informações, torna-se mais evidente que ao programar competições exigindo o máximo da capacidade física de uma criança em esportes de especialização tardia como a canoagem, correm-se grandes riscos de a criança desistir do esporte.

Kirk (2005) afirma que a preparação física dos mais jovens deve estar sustentada por pressupostos e educação e formação, respeitando suas necessidades e interesses. A estruturação da competição infanto-juvenil semelhante

ao modelo adulto tende a valorizar mais os aspectos biológicos associados à performance e deixa de lado os fatores de ordem ética, pedagógica e de saúde (Côté; Baker; Abernethy, 2007).

4. REGULAMENTO NACIONAL DA COMPETIÇÃO INFANTIL (CAMPEONATO BRASILEIRO DE CANOAGEM VELOCIDADE)

Segundo o plano de trabalho de 2017, realizado no campeonato brasileiro de 2016, pretende-se mostrar em quais embarcações e em quais distâncias as crianças da categoria infantil competem, bem como as tabelas de pontuação por categoria. Tabela de divisão de categoria, embarcações e distâncias no campeonato brasileiro de velocidade (CBCA, 2016).

		1.000m	500m	200m	5000m
Infantil	Caiaque Masculino	Mini K1	Mini K1		
	Caiaque Feminino		Mini K1	Mini K1	
	Canoa Masculina	C1	Mini C1*		
	Canoa Feminina		C1	Mini C1*	
Menor	Caiaque Masculino	K1 K2 K4	K1 K2 K4	K1	
	Caiaque Feminino	K1 K2	K1 K2 K4	K1	
	Canoa Masculina	C1 C2	C1 C2		
	Canoa Feminina		C1 C2	C1	
Cadete	Caiaque Masculino	K1 K2 K4	K1 K2 K4	K1	
	Caiaque Feminino	K1 K2	K1 K2 K4	K1	
	Canoa Masculina	C1 C2	C1 C2		
	Canoa Feminina		C1 C2	C1	
Júnior	Caiaque Masculino	K1 K2 K4	K4	K1 K2 K4	
	Caiaque Feminino		K1 K2 K4	K1 K2 K4	
	Canoa Masculina	C1 C2		C1 C2	
	Canoa Feminina		C1 C2	C1 C2	
Sênior	Caiaque Masculino	K1 K2 K4	K1 K2 K4	K1 K2 K4	
	Caiaque Feminino	K1 K2	K1 K2 K4	K1 K2 K4	
	Canoa Masculina	C1 C2	C1 C2	C1 C2	
	Canoa Feminina		C1 C2	C1 C2	
Máster A	Caiaque Masculino	K1 K2		K1 K2	
	Caiaque Feminino	K1		K1	
	Canoa Masculina	C1		C1	
Máster B	Caiaque Masculino	K1 K2		K1 K2	
	Caiaque Feminino	K1		K1	
	Canoa Masculina	C1		C1	
Open **	Caiaque Masculino				K1
	Caiaque Feminino				K1
	Canoa Masculina				C1

* Na lista de provas, foi incluída, na categoria Infantil, o barco “Mini Canoa” feminino e masculino como demonstração, a categoria será oficial em 2017.

** A partir de 2016 será incluída a distância de 5000m para a categoria caiaque masculino, caiaque feminino e canoa masculina, aberta para todas as categorias (Open).

Algumas das competições na categoria infantil são disputadas fazendo-se uso de embarcações chamadas Mini K1 e Mini Canoa, que por sua vez, tem o objetivo de facilitar o desempenho da criança na água, sendo uma embarcação que contém leme para guiá-lo. Porém, é possível perceber que as distâncias em que as crianças da categoria Infantil competem são idênticas às distâncias de categorias acima. Outro fato, muito importante a ser reparado, é que não há provas de embarcações coletivas em duplas (K2, C2) e quartetos (K4, C4) na categoria Infantil, sendo realizadas somente provas individuais nesta categoria.

Abaixo segue a tabela de pontuações por categorias (CBCA, 2016):

Colocação	Categorias: infantil, menor, cadete e Paracanoagem feminina	Demais categorias
1º Colocado	20	10
2º Colocado	18	9
3º Colocado	16	8
4º Colocado	14	7
5º Colocado	12	6
6º Colocado	10	5
7º Colocado	8	4
8º Colocado	6	3
9º Colocado	4	2

Percebe-se que, nas categorias abaixo de 16 anos completados no ano e na paracanoagem feminina, a pontuação vale em dobro em relação às demais categorias. E, por último, o cronograma das distâncias (CBCA, 2016), em que é possível notar que é uma competição intensa para quem for competir em todas as distâncias, ocorrendo provas de quinta-feira a domingo, durante as manhãs e tardes:

19. Programa Provisório

Atenção, esse programa poderá ser alterado de acordo com o número de inscritos no evento.

20 e 21 de setembro 3ª feira e 4ª feira	Treinamentos
21 e 22 de setembro 4ª feira e 5ª feira	Classificação funcional de Paracanoagem
21 de setembro 4ª feira	Reunião técnica
22 de setembro 5ª feira	Provas de 1000m
23 de setembro 6ª feira	Provas de 1000m Provas de 500m
24 de setembro Sábado	Provas de 500m Provas de 200m
25 de setembro Domingo	Provas de 200m

5. METODOLOGIA

5.1 Caracterizações do estudo

Este Trabalho de Conclusão de Curso fez uso do método qualitativo para aquisição e diagnóstico das informações. O método qualitativo aborda contextos abrangentes e que permitem analisar as experiências das pessoas (FLICK, 2009). Desta maneira, a análise é descrita, explicada e debatida com as informações recolhidas ao decorrer do processo investigatório, entendendo-as dentro de um contexto amplo (NEGRINE, 2010).

Durante esta pesquisa, os dados foram coletados utilizando entrevistas semiestruturadas com o objetivo de verificar os aspectos da competição na categoria infantil da canoagem velocidade. De acordo com Flick (2009), esse método de entrevista favorece a expressão do ponto de vista do entrevistado, pois o planejamento é aberto, diferenciando-se de entrevistas padronizadas ou questionários. As entrevistas foram eleitas como fonte de coleta de informações, pois se estruturam em uma estratégia que permite o estabelecimento de um vínculo melhor e maior profundidade com o entrevistado (NEGRINE, 2010).

A justificativa ocorre devido ao fato de que a entrevista é conduzida mediante

um roteiro de entrevista, com o entrevistador tendo o livre-arbítrio para somar novas questões que lhe permitam enriquecer o estudo (MARTINS; THEÓPHILO, 2009; FLICK, 2009; NEGRINE, 2010). O intuito da mesma é de o entrevistado realizar a prestação de informações ou opiniões sobre determinado assunto, de forma oral (NEGRINE, 2010). A pesquisa qualitativa se baseia em entrevistas com diversas finalidades e, dentre os principais estão: obter informações singulares ou interpretações sustentadas pela pessoa entrevistada; coletar uma soma numérica de informações de muitas pessoas e; descobrir sobre “uma coisa” que os pesquisadores não conseguiram descobrir por eles mesmos (STAKE, 2011).

5.2 Entrevistados

Os participantes entrevistados na presente pesquisa são técnicos da canoagem velocidade, que, ou trabalham exercendo a profissão de treinador atualmente, ou já atuaram na área, ensinando a prática da canoagem para crianças pré-pubescentes. Todos os treinadores entrevistados possuem um currículo superior a dez anos de atuação nesta modalidade esportiva, sendo dois dos entrevistados possuíntes de uma habilitação provisionada pelo Conselho Regional de Educação Física (CREF) - aptos a trabalhar somente com canoagem – e outros dois entrevistados que possuem graduação em Educação Física, sendo um deles titulado técnico “nível 1” em canoagem velocidade, somado a mais um curso de treinador de canoagem realizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

Após o conhecimento formativo da presente pesquisa, os treinadores foram convidados a expor suas opiniões em relação aos objetivos da pesquisa, a partir da entrevista, abordando pontos sobre os treinamentos ideais para serem aplicados às crianças da categoria infantil, bem como prepara-las para as competições regionais e nacionais para sua respectiva categoria.

5.3 A entrevista

A entrevista baseia-se em uma proposta semiestruturada de dez perguntas, abordando pontos referentes ao objeto de estudo (ANEXO A). Desta forma, foi redigida uma nota introdutória aos participantes da entrevista, seguido de um formulário de dados para identificação dos participantes e, em seguida, as perguntas. O método da entrevista semiestruturada está regulado no controle e padronização no direcionamento das mesmas, facilitando a análise e a comparação entre as mesmas (FLICK, 2009).

5.4 Procedimentos Da Entrevista

A partir da escolha dos entrevistados, marcou-se dia e horário para a realização da entrevista, agendadas em locais estrategicamente selecionados - próximos tanto para o entrevistador, como para os entrevistados. Desta forma, apresentou-se o objeto de estudo, bem como os objetivos que o norteavam e esclarecidas dúvidas, caso houvesse. Após, foi lhes entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B), para ser assinado, permitindo usar e divulgar os dados relacionados e explicando os objetivos da pesquisa.

As entrevistas ocorreram individualmente e em diferentes locais, sendo gravadas com a utilização de um dispositivo eletrônico de gravação de áudio manuseado pelo entrevistador, desta forma, foram gravadas as respostas dos entrevistados com o objetivo de não perdê-las. Com o material oral disponibilizado pelos entrevistados, foram realizadas as transcrições das mesmas pelo entrevistador para a análise de conteúdo (TRIVIÑOS, 1987). Após esta etapa, as transcrições foram encaminhadas para os participantes da pesquisa, para que houvesse a aprovação dos mesmos ou, até mesmo, adaptar ou complementar alguma parte que julgassem necessário. Desta forma, o estudo apropriou-se somente de informações permitidas pelos participantes.

5.5 Análises Dos Conteúdos Das Entrevistas

As interpretações dos conteúdos consistem em explorar o conjunto de opiniões e aspectos sobre o tema pesquisado (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010). Essa análise foi realizada a partir de uma metodologia qualitativa, conforme um conjunto de técnicas sugeridas por Bardin (2011). A análise foi composta a partir da preparação do objetivo do estudo, temas norteadores e na escolha do material a ser analisado, no caso, as entrevistas.

A partir desta interpretação, formulou-se e determinaram-se algumas categorias para incorporar na discussão do estudo. Neste caso, as categorias derivam do próprio modelo teórico e o material coletado vai sendo distribuído em diferentes “caixas” de conteúdo (BARDIN, 2011). Através do procedimento por “caixas”, foram formuladas três categorias previamente definidas: a) a idade ideal para ingressar na categoria infantil da canoagem velocidade b) as distâncias ideais para as competições infantis de canoagem velocidade e; c) a estrutura da competição em relação o desenvolvimento dos infantis, especificadamente, a do campeonato brasileiro de canoagem velocidade. Dessa forma, classificaram-se os trechos das entrevistas que tiveram uma maior relação com as categorias recém-descritas.

6. DISCUSSÃO E RESULTADOS

De acordo com as informações estabelecidas na metodologia, para analisar as respostas dos entrevistados, fez-se uso do método de Análise de Conteúdo, recomendado por Bardin (2011). As diversas informações obtidas pelo estudo foram comparadas e classificadas de acordo com a temática do trabalho. A discussão apoia-se, basicamente, na análise das respostas dos treinadores entrevistados, visto que não foram encontradas publicações ou bibliografias que se relacionassem com os questionamentos do estudo. Sendo assim, os resultados desta discussão são estruturados em cima dos seguintes questionamentos:

- 1) Qual a idade ideal para ingressar na categoria Infantil da Canoagem Velocidade, tendo em vista que ela não tem idade mínima e que podem ingressar crianças até doze anos de idade?
- 2) Quais as distâncias ideais em uma competição para a categoria Infantil na Canoagem Velocidade?
- 3) A quantidade de participação em um único evento, como o Campeonato Brasileiro de Canoagem Velocidade, é adequado para crianças nesta faixa etária?

6.1 Idade Ideal Para Ingressar Na Categoria Infantil

O objetivo deste capítulo é discutir, através das respostas dos treinadores/professores, qual seria a idade mínima ideal para a criança ingressar na categoria infantil da canoagem velocidade, visto que, a mesma, oficialmente, delimita-se até os 12 anos de idade. A partir do ponto de vista dos quatro treinadores entrevistados, podemos perceber diferentes visões referentes à idade ideal para se ingressar na categoria. Tendo em mente que a criança irá entrar na categoria para competir em provas semelhantes às dos atletas profissionais, alguns treinadores não concordam em colocar uma criança, nesta faixa etária, para competir; já outros, concordam, desde que a criança esteja apta e consciente do tipo de competição que estará enfrentando.

Entrevistado 1: Visto que a idade é uma formalidade da competição conforme a confederação, acredito que idade ideal para a competição agônica é a partir de 14 anos de idade, devido ao desenvolvimento psicológico estar mais avançado para compreender o ganhar e o perder, e sua própria evolução ser objeto positivo para si mesmo.

Entrevistado 2: Acredito que para disputar um campeonato, pra começar a atividade pode iniciar com os 10 anos de idade, mas acredito que no último ano infantil ali pelos 12 anos seria ideal de competir um campeonato brasileiro ou estadual, porque no próximo ano já vai estar com uma idade mais avançada e aonde eles vão estar competindo com bem mais atletas. Preocupo-me muito quando é muito novo na infantil/menor, porque se eles vencerem é muito pior do que perder, pois é difícil de trabalhar a cabeça deles, porque vão perder depois, então eu acredito que com 12 anos seria o ideal para iniciar a competir.

Entrevistado 3: Bom, acho que, a categoria infantil não deveria seguir o que hoje é seguido que é a reprodução da modalidade da categoria adulta, quando no máximo há adaptações das embarcações, isso não é o suficiente, nessa idade deveria haver atividades exclusivas focada plenamente na sua capacidade de executar a canoagem daquele momento, que é diferente de um adulto. Então não deve ser em “cancha” reta, por exemplo, que é o modelo de pista que se encontra em Olimpíadas, e hoje, a disputa infantil é disputada na mesma pista que um adulto, não oferecendo desafios, nem avaliando o que deveria ser nessa faixa de idade de 10 até 12 anos, e a idade inicial poderia ser diferente, poderia ser outras idades com outras atividades. Do jeito que está hoje não apresenta ter muito rendimento, só afastar mais as crianças do esporte.

Entrevistado 4: Sobre a idade ideal, é difícil delimitar, porque nesta idade entre, 9, 10, 11 anos as crianças apresentam bastantes diferenças de tipo físico, tamanho, força, resistência, então, a idade ideal, é idade que a criança consiga executar os movimentos, e como na canoagem tem o fator do caiaque, que o caiaque não seja desproporcional ao tamanho do aluno, o remo e o caiaque, o equipamento em si, tendo em vista isso, acho que a idade pode ser entre 10 e 12 anos para ingressar na categoria.

Como se pode perceber, os respectivos treinadores destacaram pontos muito importantes no que se refere ao desenvolvimento físico e psicológico da criança, que se torna um ponto sensível de ser trabalhado, visto que, em uma competição de canoagem velocidade, encontram-se, muitas vezes, uma criança de dez anos competindo com uma de doze, havendo uma grande diferença de maturação entre os participantes. Há uma grande preocupação, por parte de alguns treinadores, de que a competição espelhada em um modelo para atletas adultos gere traumas por parte da criança, ocasionando na desistência do esporte. Sendo assim, o professor deverá orientar ao aluno o significado de competição baseado em seus princípios pedagógicos.

Entrevistado 1: A competição, é uma oportunidade para o aluno aplicar o seu desenvolvimento físico e mental para posterior avaliação, no após a prova, auto avaliar-se se ele necessita mais do mental ou do físico para melhorar.

Entrevistado 2: O competir é conseguir mostrar o teu máximo que tu consegues no teu treinamento, o teu máximo na tua vida, um dia tu vai chegar a trabalhar e tu tem que dar teu máximo, na tua própria casa tem que dar o teu máximo, então a competição é tu trabalhar sempre teu máximo, o teu melhor, nunca simplesmente deixar a desejar, eu tento mostrar para eles, que eles tem que ser

melhores do que eles mesmos, não melhor que o adversário.

Entrevistado 3: Bom a competição, eu tento ensinar o que há dentro dos jogos olímpicos que é a expressão máxima da competição esportiva, que prega a igualdade nas condições de competição, senso de justiça, vitória pelo mérito, não ser injusto, não trapacear regras, não ser antidesportivo, ele tem que competir e mostrar o que tem de melhor e conseguir os resultados melhores possíveis com seu próprio esforço sem ajuda de ninguém e sem ter que burlar regra alguma, pois não há mérito nenhum à vitória que não seja dentro das regras.

Entrevistado 4: A competição, na verdade assim, os alunos, para eles não precisa explicar o que é competição, quando se trabalha com a canoagem de uma forma mais lúdica, ou como um projeto social ou de inclusão, a competição acaba vindo naturalmente no extinto deles, eles se preparam para largar, ou determinam uma distância para ver que chega primeiro, isso na canoagem desde as categorias de base normalmente é natural, nós vamos adequando as regras mostrando como é, porque normalmente é em virtude da curiosidade deles mesmo, então quanto a isso é bem tranquilo, vamos explicando, mas o extinto de competição é todo deles.

Para a maioria dos treinadores entrevistados há grandes possibilidades dentro da competição de trabalhar e ensinar diversos valores para as crianças que estão iniciando na prática esportiva, refletindo nas atitudes e no caráter da criança como futuro atleta. A partir do ponto de vista dos treinadores podemos compreender a competição como uma forma da criança aprimorar sua autonomia, a cooperação entre seus colegas de equipe, o respeito entre os seus adversários e a disciplina em diversas situações. Para entender melhor como devem ser trabalhados esses valores, cabe-se a entrevista direcionar de que maneira pode-se educar a criança através dos resultados competitivos.

Entrevistado 1: Acredito que em provas lúdicas onde se promova a alegria em competir, o personagem que tem mais habilidades é escolhido pelas próprias crianças de forma natural sem precisar forçar isto em provas agônicas de determinadas distâncias contra o relógio enfim, qualquer prova nesse sentido.

Entrevistado 2: Eu acredito que o resultado, tanto positivo ou negativo, o aluno sabendo a ter uma disciplina, no momento que ele vence, ele sabe que vai ser cobrado mais ainda, e então ele se torna um atleta com mais disciplina, com um bom comportamento que vai ter que ter, se ele for um desleixado e começar ir para as "baladas", coisas

assim, ele vai decair, então comportamento tu consegue tanto na vitória quanto na derrota.

Entrevistado 3: [...] desde os treinos, no ensino como método, como ferramenta de aula, ou como avaliação e no caso, as competições, elas nos trazem em um momento específico sobre uma pressão diferenciada as habilidades e as qualidades que foram trabalhadas durante as aulas, então seu método de ensino vai lhe mostrar se é eficiente ou não e se a aprendizagem do aluno foi eficiente ou não. Então cabe trabalhar de maneira adequada para trazer resultados positivos e melhorar todos os dias.

Entrevistado 4: Acredito sim que pode-se educar através dos resultados competitivos, [...] o aluno ele vai ter um aprendizado na competição independente do resultado ser positivo ou não, o treinador tem que mostrar isso à ele e tirar proveito do que ele fez de bom, não é necessariamente que ele não ganhou uma competição, que ele não teve um bom resultado, ele tem que buscar representar o que ele fez nos treinamentos, e se conseguir isso, é considerado um resultado bom, independente de se alguém tenha superado ele, assim poderá ganhar experiência para as próximas competições.

Como podemos analisar, a relação entre professor e aluno torna-se mais próxima e sensível em uma situação competitiva, pois caso seja a primeira competição da criança, o comprometimento de que esta competição irá agregar conhecimentos e experiências positivas, é totalmente do professor através de seu método de ensino. Percebe-se que apenas um entrevistado ressaltou a ludicidade incorporada na competição, fazendo um contraponto sobre a dinâmica da competição da canoagem aplicada na categoria infantil. Assim sendo, o próximo capítulo irá aproximar a discussão para os tipos de competições que os treinadores entrevistados acreditam serem as ideais para a categoria infantil, bem como as distâncias incorporadas nas provas de canoagem velocidade para as crianças nesta faixa etária.

6.2 As Distâncias Ideais Na Competição Infantil Da Canoagem Velocidade

Este capítulo tem por objetivo discutir a opinião dos treinadores entrevistados sobre quais as distâncias e os tipos de competições que devem ser incorporadas nas competições de canoagem velocidade, levando em conta o desenvolvimento físico e

psicológico das crianças participantes. Os dados obtidos referentes a essa questão gerou uma discussão bastante diversificada, que iremos analisar após ver as respostas dos entrevistados.

Entrevistado 1: [...] sou inclinado à provas lúdicas, de habilidades, que promovam alegria, como brincadeiras inclusos nessas provas, e também avaliar o grau de sabedoria sobre as normas de segurança e salvamento de si, e do seu equipamento no meio líquido.

Entrevistado 2: Nas distâncias que tem a canoagem eu acredito que o ideal seria os 500 metros, pois 200 metros é muita explosão para uma criança ainda, e 1000 metros envolve muita técnica e não tem criança que tenha técnica fazendo canoagem, então seria um meio termo, o qual seria os 500 metros, ou achar uma distância mais adequada para a criança.

Entrevistado 3: Bom, a questão das distâncias hoje, elas reproduzem o modelo dos campeonatos mundiais e Olimpíadas que são 200m, 500m, 1000m e 5000m. Essa questão de distância ela é considerada em linha reta, dentro de uma pista, onde não tem nenhum outro tipo de habilidade a não ser o fundamento básico que é remar para frente, e a canoagem é mais ampla do que somente remar para frente, tem outros conteúdos que nesta faixa de idade deveriam ser testados, essas competições deveriam ser em forma de desafios, atividades com mais mobilidade, com curvas, com mescla de habilidades, andar para o lado, para trás, domínio amplo do caiaque, para a fim de avaliar o conhecimento global da criança de canoagem e não simplesmente de um gesto único, isso é uma especialização que só tem sentido quando tu fores competir em uma categoria mais adulta, onde queremos ver o limite máximo, nesse momento a criança está em plena fase de desenvolvimento e ela não tem o limite máximo de sua força, seus limites fisiológicos, por exemplo, nem mentais, nem táticos suficientes, então, deveria ser avaliado nesse sentido, no contexto fundamental.

Entrevistado 4: As distâncias acho que podem ficar, entre 200m, 500m, e 1000m também.

Podemos ver, principalmente através da resposta do Entrevistado 3, uma maior preocupação no desenvolvimento das mais diversificadas habilidades que rodeiam a canoagem velocidade, havendo uma discordância total do modelo implementado pelos agentes organizadores dos eventos competitivos da canoagem velocidade, em que, como visto em sua resposta, exige um alto conhecimento corporal, tanto de suas habilidades, quanto dos seus limites físicos, o qual somente é encontrado, na maioria das vezes, em atletas da categoria adulta.

Nesse sentido, o Entrevistado 1 propõe que a competição deve incentivar a prática de outras habilidades através de propósitos lúdicos e que leve em consideração o divertimento dos participantes. Seguindo a lógica do efeito que a competição provoca na formação do caráter da criança como um futuro atleta, os entrevistados esclareceram seus pontos de vista sobre a relação entre vitórias e derrotas competitivas.

Entrevistado 1: São nefastas, gera mais tristezas do que alegrias, pois no pódio fica somente um feliz por ter ganho, dois resignados e o restante fica triste por não ter medalhado, e o aluno com muitas vitórias acaba tornando-se uma criança egoísta e prepotente.

Entrevistado 2: Isso é uma questão para mim bem difícil, porque a derrota é muito complicada para a cabeça da criança, no momento que ela já venceu, quando aquela criança vem perdendo na infantil ela se adapta bem ao perder, ela sabe que talvez, se conseguir trabalhar a cabeça dela, ela irá vencer com mais idade, eu acho muito difícil é a criança vencer na infantil, na menor, e depois começar a perder, então é bem difícil trabalhar a cabeça de uma criança, isso vem envolvimento até de casa mesmo, aí tu teria que trabalhar com os pais das crianças.

Entrevistado 3: Vitória e derrota no contexto esportivo assim como em outros contextos em crianças que estão em formação de personalidade, no caso esportivo que estão na fase de optar ainda pela modalidade uma vez que, são bem iniciantes na maioria dos casos, uma vitória ou uma derrota pode frustrar ou motivar a permanência ou não na modalidade, então eventos que sejam muito fora das condições de uma criança praticar, muito provavelmente irá afastar a criança, uma vez que a vitória é para um, dois, três e o restante se considera a derrota, então no contexto simples de vitória ou derrota a grande maioria vai ser desestimulada até pela atividade ser monótona, se for nos moldes atuais.

Entrevistado 4: O efeito resultante para mim é a parte mais sensível no que se diz respeito à educação dentro do processo da canoagem velocidade, até mesmo dentro do alto rendimento. A criança deve estar ciente da capacidade dela, e do nível que ela tem para entrar dentro de uma competição para não se frustrar e não criar expectativas demasiadas dentro de uma competição, para que não crie frustrações, por isso é muito importante o papel do professor e até mesmo dos pais e da família, para que eles não sobrecarreguem com pressões, que não são, ou não estão relacionadas com o treino ou a aula que essa criança teve, e com o nível de desenvolvimento que ela está e o nível que os outros atletas estão. Então se o aluno está bem direcionado, está bem informado, ele vai entender a derrota

e usar o resultado na preparação, mas como falei, é a parte mais sensível no processo de educação do esporte.

Notoriamente, esta relação entre vitórias e derrotas é a parte mais agônica e sensível para um treinador trabalhar com o aluno, pois, segundo os relatos dos entrevistados, trata-se de trabalhar com as expectativas que a criança tem dela mesma em relação ao seu desempenho e às suas habilidades, às quais, frequentemente, não conseguem desenvolver ao longo de uma competição, por fatores psicológicos e, em muitos casos, certa cobrança ou pressão familiar, ocasionando em uma desmotivação e, por conseguinte a desistência da prática esportiva. Levando em consideração que o objeto de análise dessa pesquisa são as crianças na faixa etária entre dez a doze anos, questionou-se aos treinadores quais eram os desafios que deveriam ser enfrentados pelas crianças na preparação à competição.

Entrevistado 1: O desafio de ter consciência de seu corpo, para se tornar uma pessoa melhor tanto no físico quanto mentalmente, e assim sentir-se mais segura no seu meio.

Entrevistado 2: As provas acabam desgastando o atleta, muito mais o psicológico, acredito que deve-se trabalhar o psicológico delas para aguentarem as cargas de treino de forma que não desgaste a criança.

Entrevistado 3: Bom, as crianças até doze anos de idade são muito novas em tempo de prática nos esportes, normalmente é precoce, então eles tem pouco tempo de modalidade e colocá-lo numa competição onde se prevê que ela faça o melhor possível, acaba muitas vezes dando uma pressão, uma responsabilidade muito grande, e que pela idade deles podem não corresponder mesmo que eles tenham condições de remar, pode haver nervosismo, uma falta de experiência total já pelo fato de não ter muitas competições durante o ano e virar um desafio por si só o evento, saber que tem mais gente olhando, barcos individuais que dão um componente maior ainda atenção, onde o fracasso fica maior, assim como a vitória também pode ser supervalorizada, então nessa idade o preparo é para que ela tenha uma experiência saudável, e que ele saiba que foi bem por cumprir as regras, por fazer o seu melhor, indiferente da posição que teve na água.

Entrevistado 4: Os desafios devem estar relacionados à aprendizagem da competição, como se preparar para a competição, como tirar proveito de cada competição, relacionado à fase de aprendizagem dele, mas usar alguns aspectos, como por exemplo saber manusear o equipamento de forma adequada, saber os seus documentos, suas inscrições, os horários das provas, saber

como fazer um aquecimento, chegar no horário pré-determinado, para a competição dele, saber como se comportar dentro da praça esportiva, e por fim dentro da competição que por fim está lá no final, e o iniciante na canoagem deve saber os pequenos aspectos para que quando ele chegar na categorias principais ele seja um atleta com autonomia.

Percebe-se que as respostas ficaram divididas em algumas questões, os dois primeiros entrevistados enfatizam muito mais a parte psicológica da criança como desafio a ser superado, visto que, posteriormente, caso ela queira seguir competindo na canoagem velocidade, terá que amadurecer este aspecto para enfrentar provas desgastantes e que irão exigir um alto domínio físico durante a competição. Os outros dois entrevistados abordam pontos mais voltados para a disciplina, o qual será visto como uma ferramenta importantíssima na formação do caráter da criança como futuro atleta.

No último capítulo desta discussão o estudo abordará questões mais voltadas para o contexto atual, bem como o campeonato brasileiro de canoagem velocidade, trazendo à tona a opinião dos treinadores em relação à estrutura da principal competição de canoagem do Brasil, assim como se devem trabalhar as diversas habilidades físicas e psicológicas das crianças neste tipo de competição.

6.3 A estrutura do Campeonato Brasileiro de Canoagem Velocidade na Categoria Infantil

O campeonato brasileiro de canoagem velocidade é o evento principal desta modalidade no Brasil, pois, sendo um evento único ao ano, todas as associações de canoagem velocidade do país se preparam para dar o melhor e alcançar a mais alta pontuação possível. As crianças desta categoria podem competir em todas as provas, sendo elas todas individuais, nas mesmas distâncias que as categorias acima dela, a única diferença limitam-se à embarcação, a qual é o Mini K1, ou Mini Canoa, fabricada justamente para facilitar o desempenho da criança. Este capítulo irá abordar o ponto de vista dos treinadores entrevistados referente à estrutura do campeonato brasileiro em relação ao desenvolvimento físico, psicológico, afeito e

social da criança que compete, e ao mesmo tempo, irão dar sugestões de como o campeonato se tornaria mais saudável e proveitoso para os infantis.

Entrevistado 1: Acho positivo ir ver essas provas, para ver como é, e se há interesse dele participar desse tipo de competição, ou talvez criar provas lúdicas dentro do campeonato, mostrando o quanto é divertido e midiático, tanto quanto provas contra o relógio.

Entrevistado 2: Sendo três distâncias, todas individuais, o nervosismo vai aparecer na primeira prova, depois vai tranquilo, acho que não irá ter algum problema remar as três distâncias, acredito que seja em uma categoria mais acima, na júnior (17-18 anos) que deve-se preservar o atleta, uma criança tem que sentir que ela não tem um compromisso tão grande no resultado, ela vai lá e tenta vencer, se perder, perdeu.

Entrevistado 3: O campeonato a ser realizado um vez no ano, numa única oportunidade é pouco porque essas crianças elas estão em pleno desenvolvimento e cada período curto em um ano há muitas transformações, elas deveriam ser mais motivadas, uma vez que o evento em si, motiva as crianças pela participação e a competição pelo molde atual já não é muito atrativo, e ocorrendo uma vez só no ano ela diminui a oferta de oportunidades daqueles que querem competir e que querem ir lá e mostrar o que sabem.

Entrevistado 4: Não acho adequado o Campeonato Brasileiro, e também o aluno participar somente em campeonatos nacionais, acredito que para a categoria infantil, as competições infantis, dentro do próprio clube, regionais, festivos e preparatórios são mais adequados à categoria infantil por exercer menos pressão, menos torcida, e menos envolvimento financeiro inclusive, então acredito que o aluno ele aprende mais em competições menores, do que no campeonato brasileiro, então acho adequado que seja a competição ideal, até mesmo ser a única competição que o aluno participe em uma única temporada.

De acordo com as entrevistas, apenas um dos entrevistados não vê problemas referentes ao modelo de provas aplicado no campeonato brasileiro nas categorias infantis, sendo que o restante dos entrevistados não concorda com o modelo imposto e também do fato de ser a única competição nacional que a criança tem oportunidade de participar durante um longo período do ano. Nesse sentido, a maioria dos treinadores acredita que o campeonato brasileiro poderia elaborar diferentes tipos de competições que incentivem e proporcionem oportunidades às crianças de se divertirem e mostrarem outras habilidades, através de atividades lúdicas e coletivas, por exemplo, respeitando seu processo de desenvolvimento

físico e psicológico, dentro de competições menores que enfatizem o divertimento dos participantes e não o resultado final com base no seu rendimento físico. Desta forma, é válido saber através dos treinadores entrevistados, que tipo de competição se tornaria ideal para as crianças da categoria infantil, respeitando o seu desenvolvimento motor de forma harmoniosa e contemplando um melhor processo educacional através da competição.

Entrevistado 1: Não seria competição contra o relógio e sim eventos lúdicos promovendo o desenvolvimento físico e mental e outras habilidades criando um ambiente alegre e feliz que a criança sinta o desejo de frequentar, participar e evoluir.

Entrevistado 2: Acredito que toda a pontuação, em um campeonato teria de ser desde a criança até o adulto com a mesma igualdade, não como hoje funciona, não concordo com o campeonato, como hoje temos, o campeonato brasileiro, ter os sêniores e infantis juntos, teria de ser de Juniors para cima separados, porque atrapalha muito a criança. Acho que um campeonato só para infantis/menores, as crianças se sentiriam muito mais relaxados, acho que a pontuação deve ser a mesma, é uma questão de resultado, independente do nível de treino.

Entrevistado 3: Bom acho que a iniciação deve ser generalista juntamente com outras modalidades, isso eu falo porque nessa idade, a grande parte das modalidades ainda estão com os possíveis futuros atletas de iniciação, com exceção de alguns esportes como a ginástica que é precoce, entre outros. A canoagem é diferente, é um esporte de especialização tardia, de desenvolvimento tardio, então não se tem pressa de especializar, e sim de iniciar, para que o aluno tenha uma iniciação proporcional e gradual, e adquirindo as habilidades necessárias a cada fase correspondendo ao desenvolvimento corporal e psicológico dela. [...] sem a pressão e compromisso de praticar exclusivamente canoagem ou somente competir, e sim a criança entender que a canoagem tem outras vertentes e que a habilidade de remar no caiaque ou na canoa tem outras finalidades, ela tem que ter o conhecimento muito mais amplo, o prazer de remar e gostar de remar por remar, para daí sim se ela tiver condições, apresentar potencial, o organismo dele se desenvolver mais e se destacar em um treinamento desportivo mais especializado e ser competitivo, [...] as competições antes disso devem ser mais genéricas visando apenas a promoção da iniciação e não focadas em resultados competitivos aos moldes do rendimento.

Entrevistado 4: O modelo de competição pode ser bem variável, o clube ou o professor, sabe como é planejado, como é executado, dentro das particularidades que cada

clube tem, e as competições voltados para as categorias infantis, deve trabalhar as questões de regras, de valores, de fair-play, pode ser de diversas formas, a competição pode ser, não a competição em si, mas a forma que ela é conduzida, acho que pode haver competição de velocidade, iguais ao que é o campeonato brasileiro, desde que sejam respeitadas as limitações e aspectos lúdicos da criança, sabendo que ele tem mais sensibilidade à derrota e valorizar o que ele tem de potencial, de valor no aprendizado dele, o que ele conseguiu se adequar melhor, cada aluno tem aspectos diferentes, outros mais da competição, outros gostam mais de viajar, a individualidade de cada um deve ser trabalhada dentro dos aspectos da competição.

Conclui-se, nesta parte final da discussão, que todos os treinadores entrevistados concordam em alguns pontos, cada um com opiniões diversificadas no que tange às estruturas das competições na categoria infantil da canoagem velocidade e no que diz respeito ao desenvolvimento das crianças nesta categoria. Pode-se perceber que a maioria se preocupa em adicionar atividades lúdicas vinculadas ao esporte, pois os modelos de competições semelhantes aos dos atletas adultos geram muitas desmotivações e desequilíbrios dentro de uma equipe, exigindo muito mais do professor e do aluno o fato de ter de equilibrar as relações entre vitórias e derrotas. No geral, todos os treinadores estão de acordo em aderir novas estruturas de competição que estejam de acordo com os desenvolvimentos dos jovens infantis, não havendo sobrecargas e incentivando o prazer de estar na água remando.

7. CONCLUSÃO

Concluindo este estudo, podemos perceber que o mesmo não se limitou em apenas descobrir a opinião de treinadores de canoagem velocidade sobre um único tema, e sim, trazer à tona as discussões que rodeiam a área da pedagogia do esporte, com o intuito de agregar conhecimento e novas formas de sistematizar a educação através da prática esportiva.

O objetivo do estudo teve foco em estudar os aspectos da competição na categoria infantil da canoagem velocidade, questionando alguns pontos que são de extrema importância para um treinador que está realizando um trabalho de iniciação esportiva. Nesse sentido buscou-se perguntar aos treinadores questões

fundamentais, como, por exemplo, a idade mínima para entrar na categoria infantil da canoagem velocidade, e também instigá-los a dialogar sobre os diversos fatores que rodeiam os campeonatos de canoagem, desde as distâncias, divisões de categoria, estrutura, número de participações no campeonato brasileiro de canoagem velocidade, e a educação através da competição. Porém, ao decorrer das entrevistas semiestruturadas, é possível perceber que em cada resposta o discurso amplia-se a cada ponto comentado, necessitando de estudos mais amplos, de preferência um estudo para cada ponto abordado, para que, assim, as temáticas que circulam em volta da pedagogia do esporte sejam mais densas, aumentando as chances de informar professores e treinadores facilitando e aprimorando seus planos pedagógicos de iniciação esportiva e competitiva.

Dentro dos três pontos principais abordados no estudo, podemos concluir, segundo os treinadores entrevistados, que a idade ideal para ingressar na categoria infantil da canoagem velocidade, visto que, oficialmente, vai até os doze anos de idade, não havendo idade mínima para o ingresso, irá depender do nível técnico e psicológico do aluno, bem como o seu condicionamento físico, e talvez possa ficar entre dez e onze anos de idade, porém há a opção de futuramente criar uma categoria com menos idade, visando desenvolver as mais diversas habilidades da canoagem dentro de atividades lúdicas. Desta forma segundo alguns dos treinadores, tornar-se-ia mais fácil e saudável trabalhar a canoagem velocidade dentro dos aspectos e características das crianças daquele momento, enfatizando diversos valores como a cooperação, o respeito, a amizade e evitando o individualismo e atitudes prepotentes, somando valores disciplinares que irão refletir como um futuro atleta.

Refletindo sobre as distâncias ideais para se aplicar nesta categoria, tornou-se difícil de chegar a uma única conclusão, pois, praticamente os treinadores divergiram suas opiniões, alguns não concordando com modelo imposto nos campeonatos que reproduzem o modelo Olímpico em raias divididas contra o relógio em distâncias que irão exigir controle de resistência de força ou muita explosão muscular por parte dos competidores. Desta forma comentou-se em realizar provas visando a ludicidade das crianças, com diferentes desafios que incentivem a desenvolver diversas habilidades incorporadas no caiaque ou na canoa para que

servam de base nas categorias futuras, ou talvez delimitar distâncias que não sejam tão longas como os mil metros e não tão explosivas como os duzentos metros.

Referente à estrutura dos campeonatos da canoagem velocidade na categoria infantil, mais exatamente o campeonato brasileiro de canoagem velocidade, o qual é o mais visado pelos clubes e associações, houve discordâncias em diferentes sentidos por parte de todos os entrevistados. Começando pelo fato de que a competição reproduz o modelo de categorias acima, havendo apenas adaptação da embarcação, porém só há provas individuais, o que acaba não incentivando o trabalho de equipe durante uma prova, dessa forma segundo alguns dos treinadores, acaba sendo um facilitador da desmotivação e da desistência do esporte. Abordou-se também o fato de uma competição nacional ser a principal e única no ano, gerando muitas expectativas no canoísta infantil iniciante no esporte, e quando essas não se realizam, geram frustrações difíceis de serem amenizadas pelos treinadores pelo fato da competição acontecer uma vez ao ano.

Desta forma alguns treinadores sugerem que a criança não participe desse tipo de competição onde há muita torcida e muito envolvimento financeiro, e sim que a criança participe de provas festivas de níveis estaduais no máximo, ou que as federações realizem competições limitando-se apenas às duas primeiras categorias da canoagem velocidade, para que a criança não compare seu nível esportivo com os dos atletas mais velhos, de forma que ela não cobre tanto de si mesma tentando se igualar aos atletas profissionais.

Ressalta-se aqui a falta de estudos que abordem os pontos estudados neste trabalho, pois a maioria dos estudos referentes à canoagem limita-se em estudar aspectos biomecânicos e fisiológicos de canoístas profissionais, fatos que são muito importantes e essenciais para o esporte, porém, não podemos deixar de lado a relação do professor-aluno que no futuro será uma relação de treinador-atleta, e todos os fatores que rodeiam o contexto esportivo dentro das estruturas das competições onde são mostradas as mais diversas habilidades físicas, mas, além disso, a competição deve-se tornar uma ferramenta educacional para facilitar o processo pedagógico dos professores e assim, ajudar na formação do caráter de seus alunos, incentivando a prática dos esportes para seus alunos pelo prazer de ser praticada.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS – COMMITTEE ON SPORTS MEDICINE AND FITNESS. Strength Training by children and adolescent, v. 107, n. 6, p. 1470-1472, 2001.

BARBANTI, V.; TRICOLI, V. **A formação do atleta.** In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. p. 199-215.

BENTO, J. O. **A procura de referências para uma ética do desporto.** In: BENTO, J. O.; MARQUES, A. T. (Eds.). *Desporto, ética e sociedade. Actas do Fórum Ética, Desporto e Sociedade.* Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1989.

BENTO, J. O. **Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins.** In: Gaya, A.; Marques A.; Tani, G. (Orgs.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. p. 21-56.

BOMPA, Tudor, **Total Training for Young Champions:** Proven conditioning programs for athletes age 6 to 18. Champaign: Human Kinetics, 2000.

BRACHT, Valter. **Esporte na escola e esporte de rendimento.** Revista movimento, Porto Alegre, UFRGS, 6, N. 12, p. XIV-XXIV, 2002.

BRODKIN, P.; WEISS, M. R. **Developmental differences in motivation for participating in competitive swimming.** Journal of Sport and Exercise Psychology, 12, p. 130-145, 1987.

CBCA, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM; **Regulamento do Campeonato Brasileiro de Canoagem Velocidade de 2016,** Curitiba-PR, disponível em <www.canoagembrasileira.com.br>

DE ROSE JR., D. **Tolerância ao treinamento e à competição:** aspectos psicológico . In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. P. 251-264.

DE ROSE Jr., D.; DESCHAMPS, S. R. ; KORSAKAS, P. **Situações causadoras de stress no basquetebol de alto rendimento** : fatores competitivos. Revista Paulista de Educação Física, 13, 2, p. 217-229, 1999.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

FREIRE, João Batista. **Esporte Educacional**. In: BARBIERI, César. Esporte Educacional. Brasília: ME, 1997.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GARCIA, R. P. **Contributo para uma compreensão do desporto – uma perspectiva cultural**. In: BARBATIN, V. J; BENTO, J. O; MARQUES, A. T.; AMADIO, A. C. (Org.) Esporte e 2002. Atividade física: interação entre o rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole,

GARGANTA, Júlio. **O Treino da Tática e da Técnica nos Jogos Desportivos à Luz do Compromisso Cognição-acção**. In: BARBANTI, V. J. et al. (Org.). Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002.

GARGANTA, Júlio. **Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). O ensino dos jogos desportivos. 2. ed. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

GAYA, Adroaldo; Torres, Lisiane. In: Gaya, A.; Marques A.; Tani, G. (Orgs.), **O Esporte na Infância e Adolescência**: Alguns Pontos Acadêmicos. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. p. 57-74.

GOULD, D.; FELTZ, D.; WEISS, M. **Motives for participating in competitive youth swimming**. International Journal of Sport Psychology, v16, p. 126-140.

GRAÇA, Amândio. **Os Comos e os Quandos no Ensino dos Jogos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). *O ensino dos jogos desportivos*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. **A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar a aprender as habilidades básicas do jogo**. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 2, n. 5, p. 67-79, 2002.

Kirk, D. **Physical Education, youth and lifelong participation: the importance of early learning experiences**. *European Physical Education Review*, Chester, v. 11, n. 3, p. 239-255, out. 2005.

LAERMANS, R. **Leisure as making time: some sociological reflection on the paradoxical autcomes of individualization**. In : NEW Routes for Leisure : Actas do Congresso Mundial do Lazer. Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais, 1994. P. 61-74.

LEE, M. **O desporto para os jovens ou os jovens para o desporto**. In: SEMINÁRIO Internacional Treino de Jovens: comunicações apresentadas. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, Secretaria de Estado do Desporto, 1999.

LEE, M.; SMITH, R. **Making sport fit the children**. In : LEE, M. (Ed.). *Coaching Children in Sport*. London: E &FN Spon, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas**. Curitiba, n. 17, p. 6. 2001. Editora da UFPR.

LIMA, D. F. **Treinamento precoce e intenso em crianças e adolescentes**. Belo Horizonte: Health, 2000.

MALINA, R. **Competitive youth sports and biological maturation**. In : BROWN, E. V.; BRANTA, C. F. (Ed.). *Competitive sports for childrens anda youth : an overview of research an issues*. Champaign: Human Kinetics, 1988. p. 227-245.

MARQUES, A. **Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação**. In: Gaya, A.; Marques A.; Tani, G. (Orgs.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. p. 75-96.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica aplicada para as ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2009.

NEGRINE, A. Instrumentos de Coleta de Informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 63-99.

PAES, Roberto Rodrigues. A Pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos. *In*: DE ROSE JUNIOR. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Multitema, 2002. p. 89-98.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Editora ULBRA, 2001.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Processo de Ensino e Aprendizagem do Basquetebol: perspectivas pedagógicas**. *In*: ROSE, Dante; TRICOLI, Valmor (Org.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciências e prática**. Barueri: Manole, 2005.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

ROLIM, Ramiro; COLAÇO, Paulo. **Riscos e benefícios de uma participação precoce e competições internacionais de elevado nível, uma análise centrada no I Campeonato do Mundo de Atletismo de sub-18 anos realizado em Bydgoszcz, Polônia – 1999**. *Treino Total: Revista do Treinador de Atletismo*, 3, p. 12-20, 2001.

SADI, Renato Sampaio. **Pedagogia do Esporte: explorando caminhos da formação permanente e da intervenção criativa em crianças e jovens esportistas**. São Paulo: Ícone, 2016.

SCAGLIA, Alcides José. **O Futebol e o Jogo/brincadeira de Bola com os Pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

SCAGLIA, Alcides José. **O Futebol que se aprende e o Futebol que se ensina**. 1999. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 1999.

SCAGLIA, Alcides José; SOUZA, Adriano de. **Pedagogia do Esporte**. In: COMISSÃO DE ESPECIALISTAS. Dimensões Pedagógicas do Esporte. Brasília: UNB/Cad, 2004.

SOARES, J. M. C. **O treino desportivo intenso precoce**. Revista Horizonte, 4, 24. p. 191-196, 1988.

SOBRAL, F. **Desporto infanto-juvenil: prontidão e talento**. Lisboa: Horizonte, 1994.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

THÜRINGER LANDESVERWALTUNGSAMT. **Schulsportwettbewerb in Thüringer: Schuljahr 1994/95**. Thüringer Kultusministerium, 1994.

TREPODE, N. F. **Abandono del deporte em los jóvenes. Lecturas: Educación Física y Deportes: Revista Digital**, 7, 40. Disponível em : <<http://www.efdeportes.com>>.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO TREINADOR

Nome:

Idade:

Formação e qualificação profissional:

Local de atuação profissional:

Tempo que atua como treinador:

Número de atletas que treina:

1. Você crê que a participação em atividades competitivas opera de maneira positiva na formação educacional das crianças (sim/não)? Se sim, como ocorre essa atuação? Se não, por quê?

2. Qual idade você considera ideal para ingressar na categoria Infantil da Canoagem Velocidade? Visto que oficialmente ela não tem idade mínima e vai até os 12 anos. Justifique sua resposta.

3. Na sua opinião, quais deveriam ser as distâncias ideais para as competições infantis levando em consideração o desenvolvimento físico dos participantes?

4. Como você explica o que é uma competição para seus alunos?

5. Para você, qual o efeito resultante da relação entre vitórias e derrotas competitivas sobre as crianças?

6. Você considera possível educar através dos resultados competitivos? De que forma?

7. Referente à quantidade da participação competitiva em apenas um evento como o Campeonato Brasileiro de Canoagem, você considera adequada para a categoria infantil? Por quê?

8. Em relação à preparação para a competição, quais desafios devem ser aplicados às crianças até 12 anos de idade? Justifique.

.

9. Você considera interessante a realização de atividades competitivas durante as sessões de treino? Justifique.

10. Para você, como seria um modelo de competição que contemplasse de forma harmônica os pontos abordados favorecendo a formação educacional de seus participantes?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada (a), como voluntária (a) a participar do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Competição na categoria Infantil da Canoagem Velocidade” do aluno de graduação Francisco Lepkoski Gonçalves, para contribuir com o mesmo a partir de seus conhecimentos e experiências. Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista, gravada, com um roteiro pré-elaborado pelo pesquisador, com o tempo de duração de aproximadamente 50 minutos. Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivencia e protagoniza o cotidiano da competição infantil da Canoagem Velocidade.

Desta forma, as informações e os resultados oriundos desse estudo poderão contribuir para o desenvolvimento do esporte em geral. Cabe salientar que durante sua participação no estudo não haverá riscos adicionais aos já existentes em seu dia a dia. Tampouco haverá riscos de exposição a partir de sua entrevista, tendo em vista que as informações não serão liberadas sem a sua permissão por escrito, exceto se exigido por lei. A identidade dos participantes não será revelada, a menos que seja esse o desejo do entrevistado, e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas para fins científicos.

Nesse caminho, registra-se que a entrevista armazenada em gravador digital de áudio será integralmente transcrita constituindo-se, ao final do processo, em documento escrito. Antes de sua utilização, tal documento será devolvido ao entrevistado para a conferência das informações contidas nele. Assim, somente depois disso, será concebida a liberação definitiva de uso. Nesse momento, um novo termo de consentimento, que anuncie tal liberação será assinado.

Você é livre para retirar-se da pesquisa a qualquer momento. A participação é voluntária e a causa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade, perdas ou danos. Todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo pesquisador através do telefone/e-mail: (51) 997349592 / franciscolepkoski@hotmail.com, ou de seu orientador, Carlos Balbinotti, telefone/e-mail: (51) 9999-4957 / cbalbinotti@terra.com.br. E através do contato com o Comitê de Ética em

pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629, você poderá recorrer se, em algum momento da pesquisa, você se sentir prejudicado (a) ou negligenciado (a) em seus direitos.

APÊNDICE C– DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu _____,

estou sendo convidado a participar de um estudo denominado: “A Competição na Categoria Infantil da Canoagem Velocidade”, cujos objetivos foram esclarecidos, portanto minha participação no referido estudo será no sentido de responder a um questionário semiestruturado, de maneira oral, visando discutir os pontos relevantes da pesquisa acima mencionada.

Recebi os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar de justificativa.

Caso deseje sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo. O pesquisador envolvido com o referido Trabalho de Conclusão de Curso é Francisco Lepkoski Gonçalves - UFRGS e com ele poderei manter contato pelo telefone (051) 99734-9592. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor do trabalho mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na

forma seguinte: pagamento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para ESEF UFRGS (51) 3308-5804 ou mandar um e-mail para esef@esef.ufrgs.br.

Local

__/__/__

Data

Nome e Assinatura do Entrevistado

Francisco Lepkoski Gonçalves

Assinatura do Pesquisador